

**UNIJUÍ – UNIVERSIDADE REGIONAL DO NOROESTE DO ESTADO DO
RIO GRANDE DO SUL**

DHE – DEPARTAMENTO DE HUMANIDADES E EDUCAÇÃO

CURSO DE HISTÓRIA

O EXÉRCITO BRASILEIRO

ODIRLEI ZIMMERMANN

Ijuí – RS

2015

ODIRLEI ZIMMERMANN

O EXÉRCITO BRASILEIRO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de História da
Universidade Regional do Noroeste do
Estado do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. João Afonso Frantz

Ijuí – RS

2015

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Batalha dos Guararapes.....	6
Figura 2: Foto do Conde D'Eu, genro de D. Pedro II, com as mãos na cintura, com oficiais do Exército durante a Guerra do Paraguai.....	8
Figura 3: 12º Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel.....	12
Figura 4: Ditador paraguaio Solano Lopez.....	14
Figura 5: Duque de Caxias.....	17
Figura 6: Patrulha em Monte Castello.....	23
Figura 7: Resgate com helicóptero.....	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1 A ORIGEM E HISTÓRICO DO EXÉRCITO BRASILEIRO	5
1.1 O EXÉRCITO NO PERÍODO COLONIAL	5
1.2 O EXÉRCITO APÓS O PERÍODO COLONIAL	7
1.3 O EXÉRCITO NA CAMPANHA DO PARAGUAI	8
1.4 O EXÉRCITO BRASILEIRO NO SÉCULO XX	9
1.5 O EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	10
1.6 O EXÉRCITO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	11
2 O EXÉRCITO BRASILEIRO NA GUERRA DO PARAGUAI	13
2.1 UM EXÉRCITO QUE NÃO ESTAVA PRONTO PARA A CAMPANHA	14
3 A FEB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL	19
3.1 O BRASIL SE POSICIONA NO CONFLITO	19
3.2 A FEB NO CONFLITO.....	21
3.3 A FEB ENTRA NO CONFLITO	22
3.4 O FINAL DO CONFLITO	24
3.5 O RESULTADO DA CAMPANHA	25
4 O EXÉRCITO BRASILEIRO NA ATUALIDADE	26
4.1 O APOIO DO EXÉRCITO AO DESENVOLVIMENTO NACIONAL	27
4.2 O EXÉRCITO BRASILEIRO NAS MISSÕES DE PAZ	28
4.3 A GARANTIA DA LEI E DA ORDEM.....	29
4.4 A IMPORTÂNCIA DO EXÉRCITO PARA A NAÇÃO.....	30
CONCLUSÃO	31
REFERÊNCIAS	33

INTRODUÇÃO

Esse Trabalho de Conclusão de Curso sobre o Exército Brasileiro busca aprofundar o entendimento sobre a Força Terrestre, visto que existe espaço para o desenvolvimento de uma visão esclarecedora sobre essa instituição, já que essa importante organização ainda é pouco debatida no meio acadêmico.

A pesquisa sobre o Exército Brasileiro é de grande importância, visto que não só todo o integrante do mundo acadêmico, mas todo o brasileiro precisa estar ciente e entender como funciona o Exército Nacional, pois afinal ele existe para atuar em defesa da nação que é composta pelo nosso povo e território. Portanto, para que cada cidadão entenda o Exército, conheça sua história, sua função e assim saiba o que esperar dele, é fundamental que se analise sua trajetória e evolução.

Esse trabalho visa proporcionar ao cidadão brasileiro um conhecimento que a maioria da população não possui, sendo pouco abordado pela própria mídia e sistema educacional, sendo que através dessa pesquisa será possível obter respostas a questões como qual a real função do Exército e se este quando foi chamado para cumprir essa função estava efetivamente preparado.

É aí que se encaixa esse projeto, dando ao cidadão uma visão sobre o Exército Brasileiro, o livrando da forma limitada com que via a força terrestre até então, lembrando que esse conhecimento é fundamental na sua condição de cidadão consciente das relações entre os atores que compõem o meio onde vive.

Como item da problematização escolhi analisar a participação do Exército Brasileiro na Guerra do Paraguai e na Segunda Guerra Mundial, visto que são suas campanhas de maior expressão, para conseqüentemente concluir se o Exército estava ou não preparado quando solicitado a realizar sua missão de defesa externa nesses conflitos.

1 A ORIGEM E HISTÓRICO DO EXÉRCITO BRASILEIRO

A origem do Exército Brasileiro remonta a forte presença de pessoas envolvidas com a atividade militar durante o período colonial. Havia a ameaça de ataques estrangeiros, sem falar no medo de revoltas por parte dos índios e negros, o que gerou uma sociedade intensamente militarizada. Isso fica claro nas palavras de Homero (2006, p. 64):

Naquela época cerca de 5% dos homens de todas as idades pertenciam a uma das diversas tropas existentes, seja de soldados permanentes do Exército regular ou tropas de linha, recrutados por nada menos que 25 anos, ou então milicianos chamados de ordenanças ou auxiliares membros de unidades militares temporárias convocados apenas para treinamento e emergências.

Nesse período o governo tinha uma presença muito pequena na vida da população. Diante da impossibilidade do governo organizar um serviço público eficiente e na falta de outros órgãos os militares acabavam executando diversas tarefas como reparos em estradas, prédios públicos, serviço de bombeiros e até de entrega de correspondências.

Fica evidente a grande importância e comprometimento dos militares com a sociedade. Os militares exerciam várias funções, muitas delas relativas ao controle de revoltas, segurança interna e realizavam serviços públicos, o que não os livrou da atividade de defesa externa sempre que fosse necessário.

Percebemos que a presença dos militares foi marcante e mesmo necessária desde o início da formação do Estado Brasileiro, diferente de pensamentos que marcam o imaginário popular com afirmações como “o Brasil é um país pacífico”. Vemos uma realidade diferente com o país se envolvendo numa série de conflitos desde seu período colonial, tanto de origem externa como interna.

1.1 O EXÉRCITO NO PERÍODO COLONIAL

No período colonial não tardou para que os holandeses se articulassem e partindo de Recife marchassem em grande número (mais de quatro mil) rumo ao sul. Eles representavam uma grande ameaça e foi necessário a organização de uma

força militar para contê-los e dar fim a ocupação holandesa no nordeste da colônia portuguesa.

Essa força organizada para enfrentar os holandeses reuniu brancos, negros e índios com ideal comum de expulsar os holandeses, ainda que estivessem em menor número e equipados com armamento inferior se comparado aos invasores.

Essa tropa composta por portugueses, nascidos no Brasil, liderados por Antônio Dias Cardoso, mais os indígenas comandados pelo índio convertido ao catolicismo Felipe Camarão e a força de africanos comandados por Henrique Dias, conseguiu reunir cerca de dois mil e quinhentos combatentes.

A questão da inferioridade de forças obrigou os defensores a adotarem táticas de guerrilhas, bem como exigiu o aproveitamento do terreno composto por manguezais e estradas estreitas para forçar o combate aproximado, reduzindo ao máximo o poder de fogo superior dos holandeses.

Figura 1: Batalha dos Guararapes



Fonte: www.ensino.eb.braaextl_01.htm. Acesso em: 10/01/2015.

No dia 19 de abril de 1648, próximo a Recife houve o enfrentamento, estima-se as baixas dos invasores em 500 mortos e o mesmo número de feridos, entre os patriotas foram calculados 80 mortos e 400 feridos (guerras.brasilecola.com/batalhas-dos-Guararapes).

Foi em Guararapes que o Exército Patriota venceu os holandeses, tornando essa data marco na criação da identidade nacional, bem como ficou marcado como dia do Exército Brasileiro, o qual herdou o legado de Guararapes.

Podemos perceber que a batalha de Guararapes não foi apenas um confronto militar em sua essência, mas foi o início da criação de uma identidade nacional, de um sentimento de grupo, organizado para enfrentar o inimigo externo comum.

1.2 O EXÉRCITO APÓS O PERÍODO COLONIAL

Após a independência o Exército Brasileiro teve que competir por hegemonia com as milícias e, principalmente, com a Guarda Nacional, havendo uma espécie de rivalidade entre essas organizações, que acabou gerando um clima de instabilidade política que só cessou em 1840.

De acordo com Homero (2006, p. 68) a Guarda Nacional era “uma força que seria controlada pelas autoridades locais, sem a presença das classes mais baixas da sociedade”.

Tal arranjo provou ser impróprio, visto que a Guarda Nacional chegou a ser usada contra o Governo Central em revoltas regionais. Entre as características da Guarda Nacional podemos citar a necessidade de comprovar sua renda anual para fazer parte dessa força, automaticamente a ligando às elites, assim essa força se tornou massa de manobra no jogo político de poder entre governo central e a elite (HOMERO, 2006, p. 69).

A partir de 1840 o Exército começa a se fortalecer e se reorganizar, foi usado como instrumento do Império em diversas intervenções externas que visavam manter a influência brasileira na região, no Uruguai atuou em 1852, 1854 e 1864.

Também em 1852 o Exército Brasileiro desfila em Buenos Aires, retornando em 1º de março de 1852 a Montevideú, com brilhante participação na guerra contra Oribe e Rosas (1851-52).

Em 1856 foi enviado uma força militar para garantir a navegação no rio Paraguai, devido a sua importância de ser a principal ligação com o Mato Grosso. O Império considerava uma prioridade a livre navegação nesse rio.

Percebemos que o Império não hesitava em usar sua força militar para resolver seus problemas políticos externos. Tal comportamento explica o envolvimento do Brasil na Guerra do Paraguai (1865-1870), conflito que levou o Império a mudar sua forma de usar as forças armadas, que simplesmente não estavam preparadas para tamanha empreitada (HOMERO, 2006, p. 71).

1.3 O EXÉRCITO NA CAMPANHA DO PARAGUAI

Durante a Guerra do Paraguai, o Brasil conseguiu mobilizar cerca de 135.000 soldados, um grande número para a época, mas isso não mascara os problemas enfrentados. Ainda que os brasileiros tenham respondido ao chamado da pátria a precariedade com que a força terrestre teve que combater chama a atenção. Conforme Carvalho (2006, p. 184) “em 05 de março de 1865, sem nenhum treinamento, o 1º corpo embarcou para o sul”.

Percebemos nesse fragmento que os voluntários eram arregimentados de improviso e mandados diretamente ao campo de batalha, como não poderia deixar de ser as perdas foram enormes, cerca de 50.000 (CARVALHO, 2006).

Existem relatos que afirmam que boa parte dessas baixas foi causada não por fogo inimigo, mas por deficiências no serviço médico e mesmo pelas dificuldades que havia para se alimentar a tropa.

Figura 2: Foto do Conde D’Eu, genro de D. Pedro II, com as mãos na cintura, com oficiais do Exército durante a Guerra do Paraguai



Fonte: educador.brasilecola.com. Acesso em: 10/01/2015.

Mesmo com todos os problemas enfrentados a Tríplice Aliança da qual o Brasil fazia parte foi vitoriosa, mas o tremendo custo humano, material e econômico de uma guerra em que o país não estava preparado deixou suas marcas.

Passado esse conflito o Exército Brasileiro ainda rivalizava com a Guarda Nacional o papel de força dominante no cenário nacional, entretanto a Guarda Nacional foi ficando mais fraca com o passar do tempo, sendo extinta durante a República em 1916 (CARVALHO, 2006, p. 183-184).

1.4 O EXÉRCITO BRASILEIRO NO SÉCULO XX

Na Primeira Guerra Mundial (1914-1918) o Exército Brasileiro viu a necessidade de fazer mudanças que buscavam melhorar sua capacidade de combate em conflitos externos, adotando, por exemplo, o recrutamento obrigatório, o qual se mantém até hoje, felizmente não foi necessário o envio de tropas para participar desse conflito.

Em 1920 como parte dos esforços para se modernizar o Exército Brasileiro recebeu uma Missão Francesa, de caráter consultivo, o qual exerceu um importante papel na organização do Exército, bem como possibilitou o aperfeiçoamento dos diversos cursos destinados aos oficiais a fim de que fosse realmente colocada em prática uma política de defesa nacional.

Percebemos a intensa luta do Exército para obter os meios necessários para que pudesse cumprir sua missão de defesa nacional. Conforme relata Carvalho (2006, p. 87):

A luta do Exército e da Marinha por maiores efetivos, melhor aparelhamento, mais recursos, vinha de longa data. Os ministros queixavam-se sistematicamente do que julgavam ser descaso dos governantes com suas necessidades. Após 1930, aumentaram as pressões, agora com muito maior poder de fogo.

Segundo Carvalho (2006, p. 30) como resultado da luta por investimentos podemos perceber um importante incremento no efetivo com o passar dos anos:

Ano	Efetivo
1920	30.000
1930	50.000
1940	93.000

Porém, a nível material o Exército Brasileiro estava muito defasado, com equipamento inadequado para a guerra moderna. Conforme podemos concluir ao observarmos o texto de Barone (2013, p. 110) “no começo dos anos 1940, o Exército Brasileiro ainda utilizava fuzis e canhões alemães, além de metralhadoras francesas, todos da época da Primeira Guerra Mundial”.

Entretanto, podemos perceber que apesar dos esforços empreendidos pelos militares para obterem as condições para se tornarem uma força moderna e bem equipada não surtiram o efeito desejado uma vez que à véspera da Segunda Guerra Mundial o Exército Brasileiro tinha muitas necessidades tanto a nível material como pessoal e técnico.

1.5 O EXÉRCITO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Como resultado durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Exército Brasileiro foi exigido novamente numa campanha externa, teve muita dificuldade em formar uma força expedicionária realmente efetiva, sendo que teve que obter apoio externo para sanar suas necessidades.

Percebemos que os avanços tecnológicos que eram constantes em todas as áreas, incluindo a militar, impossibilitaram uma grande mobilização pelo Exército Brasileiro, visto que a operação de armas e equipamentos modernos exigia formação especializada. Como ressalta Barone (2013, p. 110):

Além da formação do novo soldado de infantaria e da revisão do importante papel dos suboficiais, era necessária uma quantidade de especialistas dentro da estrutura militar, como motoristas, datilógrafos, rádio-operadores, eletricitas, cozinheiros, engenheiros, médicos e outros.

Esses problemas deixaram claro que não seria possível formar e equipar três divisões como inicialmente previsto. O Exército Brasileiro estava mal equipado, só seria possível mobilizar uma divisão e mesmo assim com apoio dos americanos que só entregaram alguns equipamentos na véspera do embarque do primeiro escalão da Força Expedicionária Brasileira (FEB).

Novamente, os brasileiros se veem nas mesmas situações que enfrentaram na Guerra do Paraguai, se envolvem em um grande conflito externo sem estar

devidamente preparado, o que resulta em evidentes improvisações. Como destaca Barone (2013, p. 113):

A chegada de alguns canhões americanos anticarro de 57 milímetros e obuseiros de 105 milímetros possibilitou o treino de uma parte da artilharia regimental, mas a maior parte dos soldados só teve contato com essas e outras modalidades de armamentos ao chegar à Itália. Os canhões de 155 milímetros, que formavam uma bateria da Artilharia Divisionária, foram entregues apenas na frente de combate.

Mesmo assim, superando todos os percalços, a FEB foi vitoriosa em sua campanha na Itália, o que revela a dedicação do soldado brasileiro e também uma grande capacidade de superar problemas como, falta de recursos materiais e humanos, reagindo e treinando da melhor forma possível com o que dispunha, o que veio a influenciar positivamente no resultado final.

Apesar de ter tido um bom desempenho em combate, os integrantes da FEB não imaginavam que ao regressar ao Brasil seriam desprestigiados pelo governo. Isso ocorreu por motivos políticos numa decisão do Estado Novo, de qualquer forma foi um grande descaso com os homens que arriscaram suas vidas para lutar pelo Brasil.

1.6 O EXÉRCITO APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Após o conflito mundial o Exército Brasileiro se envolveu ativamente no período ditatorial (1964-1985), num período politicamente turbulento influenciado por uma conjuntura internacional que era composta pela disputa de poder entre dois blocos ideológicos distintos, alinhando de um lado os países comunistas e de outro os países capitalistas, na chamada guerra fria.

Após a redemocratização a força terrestre tem se empenhado em conseguir recursos para modernizar seu aparato bélico que está defasado e melhor treinar os seus quadros. Sucessivamente são apresentados planos de modernização, porém ocorre que os sucessivos governos acabam por não liberar os recursos, o que tem impedido o Exército de se modernizar totalmente.

Diante da situação o Exército Brasileiro tem investido em núcleos de modernidade a fim de dispor de unidades de pronto emprego atualizadas tecnologicamente e com mobilidade estratégica, sendo que podem ser enviadas

rapidamente para qualquer parte do país se necessário com o emprego da aviação do Exército.

Figura 3: 12º Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel



Fonte: www.bdaamv.eb.mil.br/galeria_fotos.php. Acesso em: 10/01/2015.

Nos últimos anos o Exército tem desempenhado um importante papel social, no auxílio prestado à população em calamidades públicas como, secas ou enchentes, que tem ocorrido de forma frequente no país, assim os militares tem atuado nesse sentido, aproveitando a estrutura militar em benefício dos que mais necessitam.

Outro trabalho importante tem sido desenvolvido junto aos jovens carentes que se alistam na Força Terrestre, além do serviço essencialmente militar eles frequentam cursos profissionalizantes que lhes proporcionam oportunidade de emprego ao retornarem a vida civil (HOMERO, 2006, p. 72-73).

Recentemente o Exército tem atuado no apoio aos órgãos de Segurança Pública que tem tido dificuldade em enfrentar a criminalidade, assim o Exército está comprometido com o processo de pacificação no Rio de Janeiro.

Paralelamente a estas atividades os militares também atuaram na garantia da lei e da ordem em todas as cidades-sedes do evento Copa do Mundo 2014, sendo elemento fundamental para manter a segurança durante os jogos.

Assim, o Exército Brasileiro tem evoluído e participado ativamente da vida da nação, se mostrando sempre pronto a ser empregado, não só em conflitos externos que é sua função principal, mas usando sua estrutura e pessoal em benefício da população em seus momentos mais difíceis.

2 O EXÉRCITO BRASILEIRO NA GUERRA DO PARAGUAI

O Exército Brasileiro teve importante participação na Guerra do Paraguai (1865-1870), onde o Brasil integrou a Tríplice Aliança ao lado de Argentina e Uruguai.

Na época as relações entre as nações sul-americanas eram complexas pelo intenso jogo de interesses. Conforme percebemos no fragmento de Carvalho (2006, p. 189):

No jogo de xadrez que se criou, estranhas alianças se formaram. Aliado natural do Paraguai contra a Argentina, o Brasil se viu ao lado da última contra o primeiro. A rivalidade entre Brasil e Argentina era tão grande que se manifestou durante a própria luta e continuou após a guerra.

Nesse contexto em que os Estados buscavam afirmar-se no cenário regional, o governo monárquico brasileiro se considerou forte o suficiente para atuar na região em defesa dos seus interesses. Segundo Carvalho (2006, p. 189):

A política intervencionista no Prata inaugurou-se exatamente quando os conservadores consolidaram sua hegemonia no final da década de 1840 e se sentiram confiantes para agir no cenário explosivo das repúblicas platinas.

O início da guerra pode ser atribuído a uma escalada de tensão entre o Brasil e o Paraguai, que teve seu pico em 11 de novembro de 1864, quando forças paraguaias aprisionaram o navio brasileiro Marquês de Olinda, no qual estava embarcado o presidente da província do Mato Grosso.

Tal ato foi considerado ofensivo ao país que adotou como resposta a declaração de guerra ao Paraguai que era comandado pelo ditador Solano Lopez.

Conforme constatamos no trecho de Cerqueira (1980, p. 46) atribui-se ainda a Solano Lopez o desejo de expansão territorial do Paraguai: “O ditador do Paraguai, que se preparava, desde muito, para a realização dos seus projetos de expansão e supremacia na América Meridional”.

Com este pretexto começa a Guerra do Paraguai e o governo brasileiro começa a reforçar o Exército para realizar a campanha, convidando os brasileiros a serem voluntários da pátria.

Figura 4: Ditador paraguaio Solano Lopez



Fonte: www.brasilecola.com. Acesso em: 10/01/2015.

2.1 UM EXÉRCITO QUE NÃO ESTAVA PRONTO PARA A CAMPANHA

Entretanto, o Brasil mesmo no cenário conturbado da época não havia preparado um Exército que tivesse condições de entrar em campanha, assim teve que organizá-lo às pressas. Sua condição crítica fica evidente nas observações de Cerqueira (1980, p. 35) que participou da campanha:

O nosso pequeno e mal aparelhado Exército deixava muito, senão tudo, a desejar, desde a instrução técnica e o preparo indispensável para a guerra até o comissariado de víveres e forragens, o serviço sanitário, o aprovisionamento de armas, fardamento, equipamento, meios de transporte etc.

Para sanar as sérias deficiências de pessoal o governo imperial promulgou um Decreto em 07 de janeiro de 1865, onde convocou voluntários que receberiam uma indenização de 300 mil réis e 22.500 braças de terra (CARVALHO, 2006, p. 184).

Esses corpos de voluntários muitas vezes embarcavam sem receber treinamento, aprendendo as habilidades necessárias para sobreviver somente no campo de batalha, ignorando o fato de que iam enfrentar soldados profissionais.

Quando o Exército Brasileiro enfrentou o Exército Paraguaio aflorou toda sorte de problemas. O inimigo causava muitas baixas em suas ações, porém muitas outras ocorreram pela forma improvisada que o Exército foi a campo.

O Exército mobilizado para enfrentar os paraguaios chegou a cerca de 135.000 (CARVALHO, 2006, p. 183). Foi um enorme problema alimentar essa força, a situação se revelou grave. Conforme Carvalho (2006, p. 185):

Soldados morreram de fome e oficiais desertaram para se apresentarem em outras unidades melhor abastecidas. Ao mesmo tempo, em outras circunstâncias, reses e cavalos foram imolados às centenas e jogados rio abaixo para não alimentar o inimigo.

Esses fatos deixam clara a incapacidade em se abastecer de víveres as tropas, bem como mostra enorme contradição quando se reconhece que os animais foram por vezes mortos apenas para não alimentar o inimigo.

Quanto ao serviço médico a situação não era melhor. A organização existente estava muito aquém das necessidades, soldados que com um atendimento médico eficiente poderiam voltar à ação simplesmente pioravam. Segundo Carvalho (2006, p. 185):

Os médicos deixavam-se ficar nos hospitais e no quartel general, relegando os batalhões as mãos de estudantes de medicina. Doentes julgados aptos para a luta amanheciam mortos nas barracas. Além de sarnas e febres, os soldados, descalços eram constantemente atormentados por freiras.

Fica evidente a situação insalubre a que eram submetidos os doentes, colaborando de forma definitiva para aumentar o número de baixas. Isso se confirma com o trecho em que Cerqueira (1980, p. 58) refere-se a um hospital quando foi levar os soldados que necessitavam de atendimento:

Impressionou-me mal o cheiro nauseabundo que exalava aquele estabelecimento sanitário improvisado. Haviam-no colocado num saladeiro, onde se abatia grande número de reses e preparava-se charque. Não sei por que sempre tivemos pronunciada predileção pelos lugares insalubres para quartéis e hospitais.

Chega a ser difícil de imaginar tal situação, bem como o que se passava na mente do soldado quando era ferido em combate e era encaminhado ao atendimento médico.

Durante a campanha a capacidade militar do Exército Brasileiro foi evoluindo, os soldados destreinados do início da campanha agora formavam uma força eficiente que combatia organizada pelos toques de corneta. Conforme o relato da Batalha de Tuiuti:

Avançavam; e os nossos voluntários do 6º, recuavam fazendo fogo, como se estivessem em dia de exercício, manobrando ao toque de corneta. O Comandante Agnelo Valente, alto, magro, simpático e sereno, estacou o cavalo; estendeu a espada horizontalmente e mandou tocar alto-frente. O 6º já pisava terreno sólido: o chão estava seco. Os paraguaios continuavam a avançar, lentamente e fazendo fogo: nós os fuzilávamos sempre, e pelo flanco; presenciando cheios de ansiedade a grandiosa cena (CERQUEIRA, 1980, p. 158).

O relato acima mostra a evolução na capacidade do Exército, que mesmo numa situação difícil combateu de forma organizada, mesmo tendo que recuar inicialmente, a persistência e a capacidade de combate do soldado brasileiro permitiu a conquista da vitória.

O inimigo se mostrava valoroso e bem equipado. Conforme Cerqueira (1980, p. 244):

Os paraguaios cruzavam sobre nós o fogo dos seus canhões assentados em Humaitá e para os lados do timbó. O reduto era pequeno e cheio de gente; os artilheiros inimigos tinham boa pontaria. Às vezes voava pelos ares uma perna ou um braço e um crânio se espedaçava.

É mais impressionante o relato dos combates principalmente quando se considera essa campanha na sua totalidade, o terreno desconhecido, a alimentação precária, o atendimento médico insuficiente e insalubre, o medo da morte simplesmente ignorado.

É importante ressaltar que a guerra nesta época implicava em procedimentos muito diferentes das ações de combates atuais, onde se permitem ao soldado se abrigar e se proteger quando está sob ataque. Segundo Cerqueira (1980, p. 192) tal diferença fica evidente no seguinte fragmento: “Naquele tempo, abaixar-se quando vinha roncando uma granada, ou ocultar-se atrás de obstáculos, quando o inimigo aparecia, era uma vergonha”.

É impressionante a bravura dos soldados dessa campanha, considerando que tinham que lutar também contra seus próprios instintos que por vezes trazem ao homem a ideia de fugir ou proteger-se para sobreviver quando em perigo.

Seria impossível comentar estes episódios da participação brasileira na Guerra do Paraguai sem mencionar o Marquês de Caxias, o qual era muito querido pelos soldados. Conforme Cerqueira (1980, p. 241) “para nós, soldados do seu Exército, o Marquês de Caxias não era um homem como os outros. Tal prestígio envolvia-o que ninguém podia vê-lo senão através de uma auréola de glória”.

Fica evidente a admiração dos soldados por este homem que se tornaria patrono do Exército Brasileiro, reconhecido por seus feitos tanto na resolução das revoltas internas, bem como nas campanhas externas.

Figura 5: Duque de Caxias



Fonte: www.brasilecola.com. Acesso em: 10/01/2015.

Batalha a batalha o Exército Paraguaio ia enfraquecendo. Na medida em que suas chances de vitória iam se esvaindo deslocavam-se em direção ao norte. Conforme Cerqueira (1980, p. 335) o último golpe efetuado pela Tríplice Aliança foi em Cerro Corá: “No dia 1º de março de 1870, o preclaro cabo de guerra deu o último tiro em Cerro Corá, onde o ditador tentou resistir com 500 homens apenas”.

Em Cerro Corá, Solano Lopez foi derrotado e morto junto com os remanescentes do seu Exército. O resultado da guerra para o Paraguai foi a sua completa ruína, o número de mortos entre militares e civis varia muito. Conforme Carvalho (2006, p. 191) “as perdas do Paraguai são impossíveis de estabelecer, tal a divergência dos estudiosos sobre os números, que variam entre 18,5% e 70% da população. De qualquer modo a população masculina adulta foi dizimada”.

Ainda que os índices sejam difíceis de estabelecer é inegável o grande impacto demográfico sobre a população do Paraguai, bem como suas implicações na área econômica deste país que pagou um preço excessivamente alto por suas aspirações.

Para o Brasil o custo da guerra também foi enorme, algumas unidades militares quase foram dizimadas. Conforme Carvalho (2006, p. 185) “o 1º corpo de voluntários partiu com 728 homens. Voltou sob o nome de 23º, com 126 sobreviventes. No campo de batalha ficaram 602 voluntários, 83% do contingente original”.

Somam-se às tremendas perdas humanas os custos econômicos da formação de um grande Exército, sua manutenção em campanha, a compra de armas e munições, o pagamento de indenizações e outras despesas que impactaram o Brasil de tal forma que seus dirigentes evitariam passar pela mesma situação novamente. Conforme Homero (2006, p. 71) “foi o conflito mais sangrento e custoso da história da América do Sul, que fez o Império repensar a forma como as forças armadas deveriam ser usadas”.

Após esse conflito nosso país não mais utilizou o Exército Brasileiro para resolver as pendências com seus vizinhos, limitando seu emprego aos limites do território nacional, encerrando o período intervencionista.

Entretanto, essa guerra foi importante para o Exército Brasileiro como instituição, visto que se organizou de forma coesa com integrantes de todas as regiões do país irmanados na campanha, sendo fundamental na formação da identidade nacional. Conforme Carvalho (2006, p. 179) “a Guerra do Paraguai foi o fator mais importante na construção da identidade brasileira no século XIX. Superou até mesmo as proclamações da independência e da república”.

Fica evidente a importância deste fato na história nacional, bem como suas consequências na formação do brasileiro que passa a se reconhecer como tal, de forma muito mais forte com sua participação nesse conflito.

3 A FEB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o Brasil se viu inicialmente entre dois blocos ideológicos distintos. Ainda que o Brasil estivesse vivendo a ditadura de Getúlio Vargas, conhecida como Estado Novo, não houve por parte do nosso país, um alinhamento com as forças do Eixo – Alemanha, Itália e Japão. Porém, era evidente a semelhança entre alguns aspectos do governo brasileiro e o governo nestes países, o que levava muitos a pensarem que o Brasil optaria por apoiar estes países (BARONE, 2013, p. 40-41).

Entretanto, os aliados, entre eles Inglaterra e, principalmente, os Estados Unidos, sabiam muito bem o quanto o Brasil era importante, tanto para abastecer com artigos fundamentais os países envolvidos no conflito, bem como para apoiar com bases estrategicamente posicionadas o esforço de guerra na África e também na Europa.

Essa situação levou os dois blocos a disputarem o apoio brasileiro e o governo do Estado Novo. Ciente disso pode alinhar acordos que sanassem as necessidades mais urgentes para aquele momento.

Assim, inicialmente o governo brasileiro, em 1940, se mostrava ao mesmo tempo, a favor da integração dos países americanos sob a liderança dos Estados Unidos, mas também criticava os regimes liberais, mostrando certa “admiração” pelos resultados obtidos pelos nazistas (BARONE, 2013, p. 58).

As principais necessidades brasileiras eram reequipar e modernizar o Exército Brasileiro, e desenvolver um complexo siderúrgico. Os alemães chegaram a oferecer verba para o desenvolvimento do complexo (BARONE, 2013, p. 61).

As ofertas alemãs fizeram com que os americanos que recusavam em cooperar com o Brasil mudassem de ideia, vindo a apoiar a implantação da siderúrgica, bem como se comprometeram a cooperar militarmente com o país. Assim, o governo do Estado Novo que exportava muito material para os dois lados em conflito soube tirar o máximo de proveito nas relações comerciais entre eles.

3.1 O BRASIL SE POSICIONA NO CONFLITO

Entretanto, a balança brasileira começa a pesar para o lado dos americanos, principalmente após 07 de dezembro de 1941, quando os japoneses atacaram Pearl

Harbor, visto que na Conferência de Buenos Aires, em 1936, ficou acertado que “qualquer ameaça a uma nação americana seria considerada uma ameaça ao continente” (BARONE, 2013, p. 80).

Assim, o Brasil buscou uma forma de reagir, optando então por romper relações com os países do Eixo. Segundo Goyos Jr. (2013, p. 10) “em 28 de janeiro de 1942, no encontro de chanceleres norte-americanos no Rio de Janeiro, o Brasil rompe relações com os Estados do Eixo e a Alemanha declara beligerância contra o Brasil”.

Estava armado o cenário para a série de incidentes ocorridos em nosso litoral que levaram a declaração de guerra do Brasil contra o Eixo. Em 1942, a guerra assume proporções globais, o Eixo havia tomado quase toda a Europa, o norte da África e mantinha a pressão sobre a URSS. A guerra chegava com força ao Pacífico com as batalhas entre japoneses e americanos. Num conflito desse porte, um país de proporção continental como o Brasil dificilmente escaparia ileso.

Não tardou a ocorrer os ataques de submarinos alemães aos navios mercantes brasileiros, somente de 18 a 19 de agosto de 1942 foram afundados cinco navios brasileiros. Diante da enorme repercussão ocorrida na época devido as cerca de 650 mortes causadas pelos ataques dos submarinos, o governo brasileiro declarou guerra ao Eixo (GOYOS JR., 2013, p. 74-75).

Assim, o Brasil entra definitivamente no conflito, são realizadas diversas ações em conjunto com os americanos para enfrentar os submarinos do Eixo no Atlântico Sul e é iniciada a modernização das Forças Armadas Brasileiras com apoio americano.

O Presidente dos Estados Unidos, Roosevelt, veio ao Brasil em janeiro de 1943. Segundo Barone (2013, p. 100):

Vargas expressou diretamente a Roosevelt o desejo de enviar tropas brasileiras para o front, assim como a necessidade imperativa da ajuda americana para esse fim, Roosevelt se comprometeu dizendo que gostaria de vê-lo ao seu lado nas mesas de negociações de paz.

Assim, podemos perceber que o presidente americano assumiu o compromisso em ajudar, visto que tal apoio beneficiava os interesses americanos. Conforme Goyos Jr. (2013, p. 85) “Roosevelt cedeu por diversos motivos, mas

principalmente porque a existência de tropas brasileiras lutando sob o comando norte-americano fortaleceria a liderança dos Estados Unidos na região”.

Já Getúlio Vargas procurava com a decisão de participar no conflito garantir ao Brasil mais prestígio no cenário mundial, bem como obter a liderança regional (GOYOS JR., 2013, p. 86).

Estava aberto então o caminho para a formação da FEB, na primeira vez que o Exército Brasileiro combateu fora do continente.

3.2 A FEB NO CONFLITO

A formação da FEB foi realizada com muita dificuldade. No início de 1943 já estava definido o envio das tropas brasileiras. Inicialmente o Brasil pretendia mobilizar três divisões para a guerra na Europa. Entretanto, segundo Goyos Jr. (2013, p. 89) “foi necessário recrutar pessoal, e a adaptação ao sistema norte-americano e a moderna guerra de movimento representou um desafio considerável, principalmente no que diz respeito à falta do equipamento pertinente”.

Assim, foi criada a FEB em 09 de agosto de 1943, sendo que posteriormente foi escolhido o General de divisão João Batista Mascarenhas de Moraes para comandá-la (GOYOS JR., 2013, p. 88).

A FEB foi formada com a seguinte organização:

- Quartel-general.
- Estado maior.
- Três regimentos de infantaria, cada um com três batalhões.
- Uma divisão de artilharia composta por quatro grupos.
- Uma esquadrilha de ligação e observação.
- Um batalhão de engenharia.
- Um batalhão de saúde.
- Um esquadrão de reconhecimento.
- Uma tropa especial (BARONE, 2013, p. 106).

Percebe-se que da força prevista de três divisões, só foi possível mobilizar uma em razão das grandes dificuldades em mobilizar o pessoal para o serviço militar, dos muitos voluntários que se apresentaram boa parte foi reprovada nos exames de avaliação (BARONE, 2013, p. 112).

Houve dificuldade em receber o armamento prometido pelos americanos, além disso, o treinamento necessário para a guerra moderna exigia tempo e

recursos que o Brasil não possuía, como um campo de treinamento que possibilitasse o emprego de uma divisão completa (GOYOS JR., 2013, p. 89).

Assim, no dia 29 de junho de 1944, embarcou o 1º escalão da Divisão de Infantaria Expedicionária, com mais de cinco mil homens, indo em seguida ao teatro de operações do Mediterrâneo. O último escalão só chegaria à Itália em 1945 (BARONE, 2013, p. 137).

3.3 A FEB ENTRA NO CONFLITO

Segundo Barone (2013) são apresentadas muitas informações da participação dos expedicionários brasileiros no conflito. Conforme percebemos na síntese:

As primeiras tropas brasileiras desembarcaram em 16 de julho de 1944, em Nápoles, sendo incorporadas ao XV Grupo de Exércitos Aliados, ao lado do V Exército Norte-Americano e o VIII Exército Inglês.

A missão das forças aliadas naquele setor era atingir o norte da Itália para se juntar à ofensiva dos aliados que avançavam pela França. A FEB respondia ao comando do General Americano Mark Clark, que comandava o V Exército Americano.

A primeira conquista da FEB foi a tomada de Camaiore, feito realizado em 18 de setembro de 1944. A tropa brasileira enfrentou ainda um contra-ataque alemão, mas mesmo assim conseguiu manter a posição. O Capitão Ernani Ayrosa da Silva foi condecorado pelo Exército Americano pela ação.

Em seguida as tropas brasileiras receberam a missão de ocupar Castelnuovo di Garfagnana, visto esse local ser um ponto estratégico por ser um entroncamento de estradas. Inicialmente a FEB tomou a posição, entretanto, os brasileiros tiveram que recuar após três contra-ataques alemães.

Nas ações no vale do rio Serchio a FEB perdeu 30 militares, teve 93 feridos e 10 desaparecidos, entretanto, capturou 243 militares das forças do Eixo.

A FEB tomou após diversas tentativas o Monte Castelo, que foi conquistado com grandes baixas, visto que além de terem a vantagem de ocupar uma posição elevada, os alemães dispunham de mais de vinte posições de metralhadoras, apoiados por morteiros e uma infantaria experiente, e ainda canhões que efetuavam disparos em pontos atrás das linhas à distância.

A tomada de Monte Castelo mostrou a melhora na capacidade operacional da FEB, quanto ao planejamento e a execução de operações. Eles enfrentaram grandes obstáculos como quando enfrentavam os alemães pela frente e foram confundidos por uma unidade americana da 10ª Divisão de Montanha, que acabou lhes atacando e causando duas mortes e mais um ferido, que teve a perna amputada pelo “fogo amigo”, mesmo assim brasileiros tiveram sucesso.

Figura 6: Patrulha da FEB nas imediações do Monte Castello



Fonte: Projeto Memória Viva, cafehistoria.com. Acesso em: 10/01/2015.

A seguir os brasileiros conquistaram La Serra e Castelnuovo e a tropa brasileira mostrou novamente seu valor durante a tomada da localidade de Montese, sendo este um objetivo essencial para que fosse possível aos aliados conquistar Bolonha futuramente.

Durante o ataque à Montese, a FEB teve que progredir, avançando casa a casa, esquina a esquina, enfrentando os alemães. O ataque ocorreu no dia 14 de abril de 1945, a luta continuou até o dia 16, visto que os alemães tentaram contra-atacar. A FEB teve 34 mortos, 382 feridos e 10 extraviados, foram feitos mais de 400 prisioneiros das forças do Eixo.

A FEB teve um excelente desempenho em Montese, tomou e manteve a posição, num cenário que trás dificuldades a maioria dos Exércitos devido a sua complexidade, no caso o combate em área urbana.

Houve então uma grande retirada alemã no vale do rio Pó. A FEB cercou uma grande força inimiga na região de Fornovo, após um ultimato eles vieram a se render, sendo cerca de 14 mil homens, principalmente da 148ª DI Alemã, italianos da Divisão Itália e membros da 90ª Divisão de Infantaria Mecanizada Alemã (BARONE, 2013, p. 141-221).

A rendição à FEB das tropas inimigas foi um fato muito importante na história do Exército Brasileiro, visto que a tropa que se rendeu era quase equivalente numericamente ao efetivo da FEB, sendo um feito memorável.

3.4 O FINAL DO CONFLITO

Com a notícia da morte de Hitler, no dia 01 de maio de 1945, fica claro que a guerra iria terminar logo. A FEB havia cumprido sua missão e agora precisava se preparar para voltar para casa.

Logo ao chegar ao Rio de Janeiro a FEB desfilou numa grande festa, mesmo os feridos foram levados para poderem assistir o evento. Os pracinhas mal sabiam que eles seriam desprestigiados.

Após o desembarque, os desfiles e as efusivas comemorações, houve uma estranha ordem imposta pelos órgãos governamentais: os integrantes da FEB foram proibidos de vestir seus uniformes, de expor o símbolo da Força Expedicionária – o emblema da cobra fumando – e o mais estranho de tudo, de usar medalhas e condecorações em público. Também estavam proibidas reuniões e qualquer outra forma de agremiação voltada para os relatos dos ex-combatentes (BARONE, 2013, p. 241-242).

Muitos dos expedicionários brasileiros voltaram para casa traumatizados fisicamente e psicologicamente. Não foi destinado a eles qualquer tipo de apoio, foram abandonados e muitos acabaram em hospitais e hospícios, não conseguindo viver em sociedade.

A FEB teve uma experiência real de combate numa guerra moderna, um conhecimento inédito aos brasileiros. Entretanto, os integrantes da FEB que permaneceram na ativa do Exército acabaram sendo transferidos para regiões

longínquas, o que lhes impossibilitou de passar ao restante da força suas experiências (BARONE, 2013, p. 252).

3.5 O RESULTADO DA CAMPANHA

Percebe-se que a FEB cumpriu muito bem as tarefas que lhe foram designadas, muitos fatos comprovam isso como, pontos estratégicos conquistados, número de prisioneiros capturados, entre outros.

A FEB combateu lado a lado com o Exército Americano, contribuindo para a vitória dos aliados. A maior prova do reconhecimento dos americanos aos bravos soldados brasileiros foi o grande número de condecorações americanas recebidas pelos soldados da FEB, entre as quais a Distinguished Service Cross, Silver Star, Bronze Star (BARONE, 2013, p. 234).

Uma das provas da boa participação da FEB foi o fato do general Mark Clark considerar que a FEB poderia atuar na ocupação do território austríaco. Entretanto, o comando brasileiro não quis prolongar sua permanência na Europa (BARONE, 2013, p. 236-238).

Percebemos assim que a FEB cumpriu com sucesso seu dever. Entretanto, analisando o contexto da época podemos concluir que o governo do Estado Novo temia ser deposto por opositores e via a FEB como uma ameaça, visto que ela havia lutado lado a lado com Exércitos de governos democráticos.

Esse foi o motivo pelo qual o governo de Getúlio Vargas aparentemente quis apagar a história da FEB, desarticulando-a o mais rápido possível, tratando com desprezo seus ex-combatentes que se viram abandonados em seu próprio país.

Mesmo assim e apesar de todos estes esforços o destino do Estado Novo estava selado, Getúlio Vargas foi derrubado por um golpe militar, em 29 de outubro de 1945 (GOYOS JR., 2013, p. 119).

Os feitos históricos dos pracinhas da FEB não seriam esquecidos. Os fatos falam por si, onde se mostra evidente a coragem e o valor dos soldados que combateram na Europa, um feito inédito na América Latina e uma grande honra para o Brasil e seu Exército.

4 O EXÉRCITO BRASILEIRO NA ATUALIDADE

O Exército Brasileiro em toda sua história sempre teve que lutar contra a falta de recursos, de modo que nas duas campanhas externas de maior importância, a força terrestre não estava com o necessário equipamento, efetivo e treinamento em condições de ser empregado prontamente na defesa da pátria.

Isso se revela como uma contradição se considerarmos a enorme responsabilidade da força terrestre. Conforme Maia (2008, p. 13):

Nos últimos anos, as Forças Armadas Brasileiras vêm desenvolvendo diversas ações, apesar da crônica falta de dinheiro, para se adaptarem às mudanças da ordem política mundial, aos crescentes interesses internacionais do país, as novas realidades do continente sul-americano e as preocupações nacionais quanto a Amazônia Verde e Azul¹, áreas com alto grau de vulnerabilidades estratégicas.

Assim, como faltam recursos para atualizar o Exército como um todo, tem sido visto a priorização na alocação de verbas para unidades especiais. Conforme Maia (2008, p. 15):

Nos últimos anos, o Exército Brasileiro tem procurado investir em crescimento qualitativo e não quantitativo de suas forças. Isso está relacionado com os chamados núcleos de modernidade, formados pela Força de Pronto emprego (Força de Ação Rápida – Estratégica e Força de Paz), com alto nível de adestramento, material moderno e efetivos completos.

O Exército tem dado especial atenção à mobilidade desta força, podendo transportá-la com meios próprios, conforme fica claro abaixo:

As unidades que compõem essa força que inclui a Brigada de Infantaria Leve Aeromóvel, Brigada de Infantaria paraquedista e a Brigada de Operações Especiais podem entrar em ação em qualquer parte do território nacional de forma ágil visto que os Batalhões de Aviação do Exército também fazem parte desta força (www.cavex.eb.mil.br/1bavex.html).

¹Amazônia Azul: O nome Amazônia Azul, cunhado pela Marinha, designa a imensa região marítima contínua à costa brasileira, cujo potencial estratégico e econômico assemelham-se ao da Amazônia Verde.

Assim, o Brasil dispõe de uma força atualizada e de grande valor de combate, que pode ser empregada em reforço a qualquer um dos comandos militares de área, aumentando a sua capacidade dissuasiva.

4.1 O APOIO DO EXÉRCITO AO DESENVOLVIMENTO NACIONAL

Além de sua atividade principal de estar pronto para se opor a um inimigo externo, o Exército Brasileiro tem executado uma grande variedade de funções assistenciais ao povo brasileiro. Segundo Homero (2006, p. 72-73):

O Exército, muito além de suas funções bélicas, passou a ser uma alternativa de emprego para jovens que ingressam no mercado de trabalho, dando-lhes educação e formação profissionalizante. Isto além de levar assistência médica ao interior, de atuar na construção de estradas de rodagem, ferrovias, obras de irrigação, e no atendimento a populações afetadas por desastres naturais.

Fica evidente a atuação do Exército no apoio ao desenvolvimento nacional, bem como no necessário apoio aos atingidos por calamidades públicas.

Figura 7: Resgate com helicóptero



Fonte: www.eb.mil.br. Acesso em: 10/01/2015.

Nesse sentido, uma importante iniciativa que tem ajudado os jovens que prestam o serviço militar é o Projeto Soldado Cidadão que dá uma formação profissionalizante em diversas áreas aos soldados, para que ao dar baixa consigam ingressar com mais facilidade no mercado de trabalho, cerca de 200 mil já foram beneficiados pelo programa (www.defesa.gov.br/programassociais/soldadocidadao).

4.2 O EXÉRCITO BRASILEIRO NAS MISSÕES DE PAZ

Outra atividade que o Exército Brasileiro tem realizado com sucesso é a participação em missões de paz das Nações Unidas, sendo que a missão mais recente nesse sentido está em atividade no Haiti, melhorando o quadro que ainda é crítico. Conforme Heleno (2005, p. 43):

No Haiti, ao longo da história, em função dos constantes conflitos, diferentes grupos armaram-se, de forma legal ou ilegal, estando o direito a posse de armas presente, inclusive na própria constituição. O mandato da MINUSTAH² prevê um amplo processo de desarmamento, desmobilização, e reintegração, e a força militar tem se engajando no problema.

Muito trabalho foi necessário, mas a missão sob o comando do Brasil teve bons resultados desde seu início. Conforme Heleno (2005, p. 45):

Podemos considerar que o componente militar da MINUSTAH tem alcançado resultados bastante expressivos. Mesmo os críticos mais severos admitem que a situação no Haiti esteja longe de ser a ideal, mas que já teria se degradado por completo, e se transformado em guerra civil, não fosse pela sua presença e atuação.

Sob esse ponto de vista podemos avaliar como um sucesso essa missão, mesmo considerando que ela ainda se encontra ativa, visto que devido às condições de vida da população, que já não era fácil, ficou ainda pior após o grande terremoto ocorrido em 2010 que causou dezenas de milhares de mortos.

²MINUSTAH: Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti.

4.3 A GARANTIA DA LEI E DA ORDEM

O Exército Brasileiro tem atuado no apoio à segurança pública e na garantia da lei e da ordem, tanto em grandes eventos realizados no país, bem como quando os órgãos de segurança pública necessitam de apoio.

Esse tipo de intervenção que se apresenta de certa forma comum por sua frequência teve seu começo logo após a redemocratização. No evento ECO-92 que reuniu chefes de Estado em busca de soluções para a preservação do meio ambiente. Conforme Carvalho (2006, p. 169):

O Comando Militar do Leste assumiu o controle do policiamento e da segurança da reunião, colocando suas tropas ao lado das polícias estadual e federal. Do aeroporto internacional ao Riocentro, 6.000 soldados do Exército, armados de metralhadoras, ocupam as principais avenidas, ruas e passarelas. Quando chegarem os chefes de Estado, 20 ruas e avenidas serão bloqueadas e interditadas.

Após esse evento inicial o Exército tem sido requisitado para atuar em diversos eventos entre os quais a Copa do Mundo e as Olimpíadas, sendo seu emprego necessário, visto que as polícias estaduais muitas vezes não são suficientes para empreender um adequado nível de segurança.

Além dos grandes eventos, o Exército Brasileiro tem sido chamado a efetuar operações de garantia da lei e da ordem em diversos pontos do país, entre as quais se destacam a intervenção realizada no Complexo do Alemão e também no Complexo da Maré, onde o Exército age como força de pacificação, porém sempre observando rigorosos critérios, conforme mostra o texto abaixo:

Somos Exército, treinados e preparados para a guerra. Precisamos atuar em operações de policiamento ostensivo e coisas do gênero quando convocados, é uma das nossas missões constitucionais. Mas, mesmo nestes momentos, não podemos perder a nossa característica intrínseca de Exército. Não somos polícia, diz o coronel Vladimir Schubert Ferreira, que chefiou durante seis meses as tropas no Complexo do Alemão (<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/08/para-exercito-ocupar-alemao-e-mais-dificil-que-guerra-e-missao-no-haiti.html>).

Mesmo que para esse tipo de missão o Exército aproveite suas experiências adquiridas nas diversas missões de paz em que participou, não deve descuidar da sua missão principal que é a defesa do país contra inimigos externos, uma vez que o

emprego da tropa na garantia da lei e da ordem só deve ocorrer em casos excepcionais. Conforme prevê o Decreto nº 3.897, de 24 de agosto 2001:

Art. 5º. O emprego das Forças Armadas na garantia da lei e da ordem, que deverá ser episódico, em área previamente definida e ter a menor duração possível, abrange, ademais da hipótese objeto dos arts. 3º e 4º, outras em que se presume ser possível a perturbação da ordem, tais como as relativas a eventos oficiais ou públicos, particularmente os que contem com a participação de Chefe de Estado, ou de Governo, estrangeiro, e à realização de pleitos eleitorais, nesse caso quando solicitado (http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3897.htm).

Assim, fica claro que por força de lei o emprego do Exército na garantia da lei e da ordem deve ocorrer somente se preenchidos uma série de requisitos a fim de que a força terrestre possa se dedicar a sua atividade fim, salvo se realmente necessário seu emprego nas hipóteses previstas em lei.

4.4 A IMPORTÂNCIA DO EXÉRCITO PARA A NAÇÃO

Percebo que o Exército Brasileiro foi desde seu princípio um importante fator para a criação de uma identidade nacional em nosso país. Com ele, brasileiros de todas as regiões viram aflorar um verdadeiro sentimento de grupo e de nação quando lutavam juntos em todas as campanhas.

Porém, vejo com preocupação o fato de que devido à falta de investimento, o Exército Brasileiro não estava pronto para atuar em suas principais campanhas, sempre teve que se adequar num último momento, tanto em nível material como técnico, bem como teve dificuldade para mobilizar uma reserva.

Todavia a guerra moderna pune com rigor os países que descuidam de sua defesa, com as novas tecnologias, comunicações ágeis, transporte rápido e crises que surgem repentinamente pelo complexo jogo de poder nas relações internacionais. Não há tempo hábil para desenvolver armamentos, treinar tropas e desenvolver doutrinas, essas evidentemente tem que estar prontas.

Assim, o Brasil deve efetuar o necessário investimento no seu Exército, acompanhando a evolução do país que já é a sexta maior economia do mundo, com um território continental repleto de riquezas que podem ser motivo de cobiça por outros países, e já o são em outras partes do globo, quem garante que esses olhos não se voltarão contra nós.

CONCLUSÃO

O Exército tem auxiliado no desenvolvimento nacional, construindo estradas e trabalhando em outras obras importantes, bem como tem atuado em momentos de crise como, secas, enchentes e outras calamidades que atingem a população, trabalha na segurança de eventos importantes, no auxílio à segurança pública quando necessário e teve intensa participação na vida política do Brasil.

Entretanto, a maioria dos brasileiros não procura conhecer a história do Exército Nacional, não levando em conta que ela se mescla com a história brasileira, de modo que uma não se separa da outra. Podemos perceber isso conforme a afirmação contundente de Barone (2013, p. 16):

No entanto, 95% da população do Brasil ignora que nosso país tenha participado da Segunda Guerra Mundial. Esconde-se, com a desculpa de que não valorizamos nossa memória, a verdade de que a história do país foi escrita com o sangue dos índios exterminados, dos negros escravos, dos que expulsaram os invasores franceses e holandeses, dos insurgentes, dos revoltosos, dos soldados de pés descalços e dos caboclos que lutaram nas montanhas nevadas da Europa, bravos brasileiros esquecidos pelo seu próprio povo pacífico.

Assim, concluímos que deve haver uma mudança de comportamento, que começa com o despertar de uma nova mentalidade, que valoriza a história da nossa sociedade, para que possamos melhor compreendê-la no presente.

Para que isso ocorra devemos analisar todas as instituições que compõem nossa sociedade, não somente observando um período restrito de tempo, mas percebendo a totalidade de sua trajetória.

O pequeno interesse quanto à história do Exército Brasileiro também ocorre no meio acadêmico onde essa instituição, por sua importância, deveria ser mais pesquisada e tema de debate, não apenas quanto ao período do Regime Militar, mas no seu todo, a fim de que possamos compreender melhor a própria história do Brasil.

Foi buscando remediar essa carência que realizei esse Trabalho de Conclusão de Curso, com o objetivo de conhecer um pouco mais da história do Exército Brasileiro, uma instituição que sempre foi comprometida com o desenvolvimento do Brasil.

REFERÊNCIAS

BARONE, JOÃO. **O Brasil e a sua guerra quase desconhecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

CARVALHO, JOSÉ. MURILO. **Forças armadas e política no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CERQUEIRA, DIONÍSIO. **Reminiscências da campanha do Paraguai, 1865-1870**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1980.

FURASTÉ, PEDRO. AUGUSTO. **Normas técnicas para o trabalho científico: explicitação das normas da ABNT**. 17. ed. Porto Alegre: Dáctilo-Plus, 2014.

GOYOS JR., DURVAL. NORONHA. **A campanha da Força Expedicionária Brasileira pela libertação da Itália**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

guerras.brasilecola.com/batalhas-dos-Guararapes. Acesso em: 29/10/2014.

HELENO, AUGUSTO. O componente militar da missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti. **Revista Tecnologia & Defesa**, n. 106, 2005.

HOMERO, ADLER. Soldados na paz e na guerra. **Revista Nossa História**, n. 38, 2006.

<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/08/para-exercito-ocupar-alemao-e-mais-dificil-que-guerra-e-missao-no-haiti.html>. Acesso em: 23/11/2014.

<http://www.cavex.eb.mil.br/1bavex.html>. Acesso em: 21/11/2014.

<http://www.defesa.gov.br/programassociais/soldadocidadao>. Acesso em: 21/11/2014.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2001/d3897.htm. Acesso: 20/11/2014.

MAIA, PAULO. A modernização das forças armadas. **Revista Tecnologia & Defesa**, n. 114, 2008.